

## **Exame Final Nacional de Português Língua Segunda**

(Alunos com surdez severa a profunda)

### **Prova 138 | 2.ª Fase | Ensino Secundário | 2021**

12.º Ano de Escolaridade

Decreto-Lei n.º 55/2018, de 6 de julho

Duração da Prova: 120 minutos. | Tolerância: 30 minutos.

8 Páginas

---

A prova inclui 11 itens, devidamente identificados no enunciado, cujas respostas contribuem obrigatoriamente para a classificação final. Dos restantes 4 itens da prova, apenas contribuem para a classificação final os 2 itens cujas respostas obtenham melhor pontuação.

---

Para cada resposta, identifique o grupo e o item.

Utilize apenas caneta ou esferográfica de tinta azul ou preta.

Não é permitido o uso de corretor. Risque aquilo que pretende que não seja classificado.

É permitida a consulta de dicionário de língua portuguesa.

Apresente apenas uma resposta para cada item.

As citações dos itens encontram-se no final do enunciado da prova.

---

---

Nas respostas aos itens de escolha múltipla, selecione a opção correta. Escreva, na folha de respostas, o grupo, o número do item e a letra que identifica a opção escolhida.

---

## GRUPO I

Leia o texto. Se necessário, consulte as notas.

Estava eu parado a olhar a montra quando notei que, a meu lado, um homem baixote e gordo me fazia sinais agitados: mais algum importuno a pedir um níquel ou um *dime*<sup>1</sup> para o café. Corja<sup>2</sup> de bêbados! Ia voltar-lhe as costas, mas ele agarrou-me pela manga do casaco e disse em voz surda e rouca:

5 – Quer comprar uma pechincha<sup>3</sup>? Um lindo anel com diamante?

Atarracado e vermelhusco, de olhos redondos de sapo, e lacrimosos, tinha o quer que fosse de piloto desempregado, em apuros. Puxou-me com vigor para o vão da porta, à direita da montra, e eu deixei-me levar, mais pela curiosidade que pelo convite.

10 Não me era estranho o caso: um destes burlões<sup>4</sup> que andam pelas vizinhanças das docas à caça dum papalvo<sup>5</sup> a quem possam impingir um pedaço de vidro mal lapidado como se fosse um diamante roubado ou passado aos direitos<sup>6</sup>. [...]

15 No entanto (ou talvez por isso mesmo) senti-me atraído pelo sujeito. Eu, que não tenho um anel, dera-me ultimamente para escrever pequenos episódios de furtos de joias e pedras preciosas, e tinha mesmo conseguido vender um conto do género a um magazine popular da especialidade. Era talvez em mim um desejo subconsciente (e vão) de riquezas.

O homem olhou em torno, com prudência, abriu a mão e exibiu-me um anel com uma pedra incolor:

– Tenho de voltar já para bordo, e preciso de me desfazer disto. Tem aí cem dólares?

20 A psicologia destes tipos, que parecem adivinhar os secretos instintos predatórios da gente de bem! Mas porque me teria ele escolhido a mim? Achou-me talvez cara de... «Daqui não levas nada!», pensei.

– Tem cem dólares? Oitenta?

– Não tenho nada, homem. Não compro disso.

25 – Uma pechincha! Tem cinquenta? Veja lá quanto tem! – insistiu. Depois ergueu a mão e, com agilidade, deu um talho<sup>7</sup> na vidraça da montra. – Viu? Um diamante autêntico!

A demonstração teria convencido qualquer leigo<sup>8</sup>.

– Não faça isso, que o podem prender.

– Sch! Cinquenta? Trinta? Vá, que eu estou com pressa. Quanto dinheiro tem consigo?

Escondia o anel na palma da mão grossa e (pensei eu) fingidamente nervosa.

30 – Deixe-mo ver!

O homem rapou duma lupa e, mexendo o anel para lhe tirar rápidos reflexos, mostrou-mo assim. Era evidentemente uma pedra falsa, de brilho mortiço. Vidro, vidro é o que aquilo era. Sorri com sábio desdém, «a mim não me comes tu»... É certo que o risco na vidraça... Ele bateu as solas, de impaciência:

35 – Quanto é que me dá? Trinta? Vinte? Despache-se, que eu tenho pressa. Isto é uma ocasião única. Vale duzentos *bucks*<sup>9</sup>, um diamante perfeito, onde é que você encontra uma coisa parecida?

40 Olhava em redor como se todos os agentes do Tesouro e do FBI o espiassem das esquinas e portais, ou de entre o enxurro da gente<sup>10</sup> que passava. Eram seis da tarde. Eu admirei-lhe a astúcia, a hipertensão, o senso histriónico<sup>11</sup> com que representava o seu papel de contrabandista ansioso de alijar<sup>12</sup> o corpo de delito<sup>13</sup>. «Isto dava mas era uma história, caramba!» – e fitei-o com mais interesse.

José Rodrigues Miguéis, «O Anel de Contrabando», *Gente da Terceira Classe*, Lisboa, Editorial Estampa, 1984, pp. 121-123.

## NOTAS

- <sup>1</sup> *um níquel ou um dime* (linha 2) – moedas de pouco valor.
- <sup>2</sup> *Corja* (linha 3) – conjunto de pessoas de má reputação.
- <sup>3</sup> *pechincha* (linha 5) – qualquer coisa vendida por um preço inferior ao seu valor real.
- <sup>4</sup> *burlões* (linha 9) – pessoas que enganam, para ganhar alguma coisa.
- <sup>5</sup> *papalvo* (linha 10) – pessoa que se deixa enganar facilmente.
- <sup>6</sup> *passado aos direitos* (linha 11) – passado ilegalmente, sem pagar os devidos impostos.
- <sup>7</sup> *talho* (linha 25) – golpe dado com objeto cortante.
- <sup>8</sup> *leigo* (linha 26) – pessoa que não é especialista num assunto.
- <sup>9</sup> *bucks* (linha 36) – palavra inglesa que, em linguagem informal, significa «dólares».
- <sup>10</sup> *enxurro da gente* (linha 39) – grande quantidade de pessoas.
- <sup>11</sup> *histriónico* (linha 40) – exagerado; relativo à arte de representar.
- <sup>12</sup> *alijar* (linha 41) – ver-se livre de.
- <sup>13</sup> *corpo de delito* (linha 41) – aquilo que prova a existência de um crime.

Apresente, de forma bem estruturada, as suas respostas aos itens que se seguem.

- \* 1.** Releia o texto das linhas 1 a 11, bem como o último parágrafo.

Caracterize o espaço e o tempo em que as duas personagens dialogam.

2. Refira dois dos motivos que levam o narrador a dar atenção ao «homem baixote e gordo». Fundamente a resposta com citações do texto.

3. Descreva duas das estratégias usadas pelo desconhecido para tentar convencer o narrador a comprar o anel.

4. Releia o primeiro e o último parágrafos do texto.

Compare, nesses dois parágrafos, as atitudes do narrador em relação ao homem desconhecido.

- \* 5.** Relacione os adjetivos «autêntico» (linha 25) e «falsa» (linha 32) com a opinião de cada personagem acerca do diamante.

6. O narrador julga que o seu interlocutor está a representar um papel.

Identifique dois traços do comportamento do desconhecido que contribuem para essa suspeita. Fundamente a resposta com citações do texto.

## GRUPO II

Leia o texto. Se necessário, consulte as notas.

Portugal, os Açores e a Madeira funcionaram, durante pelo menos quatro séculos (XV-XVIII), como uma autêntica placa giratória mundial para as embarcações que regularmente cruzavam os oceanos nas rotas de torna-viagem do Oriente e das Américas. Lugares de abrigo e de passagem obrigatória de navios e frotas de comércio e de guerra, os nossos mares eram também cenário habitual de naufrágios, muitos deles de navios com cargas preciosas a bordo – o que explica bem o fascínio exercido por este diminuto e bem circunscrito período da História da Humanidade nas mentes dos colecionadores, dos antiquários e dos leiloeiros.

O saque<sup>1</sup> ao *Slot ter Hooge*, levado a cabo por Robert Sténuit em 1974, na ilha do Porto Santo, não foi, infelizmente, um caso isolado. Desde a década de 1960 que se assistia, em paralelo com o desenvolvimento da tecnologia subaquática, à multiplicação de indivíduos ou de empresas que se dedicavam à pesquisa de tesouros nas águas portuguesas. E havia de tudo, desde equipas internacionais – bem financiadas e que tinham pesquisado arquivos históricos, procurando navios com tesouros a bordo – até amadores oportunistas, geralmente portugueses, mergulhadores de meia-idade, que derretiam canhões quinhentistas de modo a vender o bronze ao quilo para as mais diversas sucateiras.

Em todo o caso, nunca o interesse principal desta gente foi o da investigação científica ou arqueológica, mas sim o da recuperação de valores e preciosidades, com fins comerciais. A destruição da informação histórico-arqueológica contida nos destroços saqueados era apenas uma consequência acessória da pilhagem.

O que nos leva à diferença fundamental entre pilhagem e arqueologia: caça ao tesouro é tudo aquilo que se faz a um sítio arqueológico sempre que essa ação não se reveja nas práticas instituídas pelo estado ético, metodológico e científico da arqueologia.

Enquanto, para o arqueólogo, um naufrágio é uma verdadeira cápsula do tempo, uma parte integral do material cultural e dos sistemas históricos (social, económico e tecnológico) refletida nos restos do navio e da sua carga espalhada pelo fundo do oceano, para o caçador de tesouros o objetivo a atingir é exclusivamente económico: minimizar o custo da exploração enquanto recupera o ouro, a prata ou os outros artefactos<sup>2</sup> com o máximo de valor no mercado.

Alexandre Monteiro, «Cápsulas do Tempo», *Visão História*, setembro de 2016, p. 6. (Texto adaptado)

### NOTAS

<sup>1</sup> saque (linha 8) – roubo; pilhagem.

<sup>2</sup> artefactos (linha 27) – objetos manufacturados.

Para responder a cada um dos sete itens que se seguem (1. a 7.), escolha a opção que permite obter uma afirmação adequada.

\* 1. No primeiro parágrafo do texto, o autor

- (A) valoriza os objetivos comerciais dos navios portugueses nas viagens transoceânicas.
- (B) descreve as fortes tormentas que habitualmente atingiam os mares portugueses.
- (C) destaca a importância do território português nas rotas marítimas internacionais.
- (D) explica o fascínio dos historiadores portugueses pelas cargas preciosas transportadas.

\* 2. O advérbio «infelizmente» (linha 9) expressa um sentimento de tristeza por parte do autor em relação

- (A) ao caso particular do saque realizado por Robert Sténuit em 1974.
- (B) ao desenvolvimento da tecnologia subaquática a partir de 1960.
- (C) aos tesouros arqueológicos vendidos por amadores oportunistas.
- (D) aos muitos casos de roubo de tesouros em navios naufragados.

\* 3. Com base no contraste apresentado entre pilhagem e arqueologia, conclui-se que o caçador de tesouros

- (A) procura preservar as condições históricas da carga encontrada.
- (B) privilegia o valor científico dos objetos recuperados.
- (C) atua com vista a alcançar o maior lucro possível no mercado.
- (D) segue as práticas éticas instituídas para a venda de artefactos.

\* 4. Nas linhas 1 e 6, a palavra «a» é

- (A) uma preposição e um pronome, respetivamente.
- (B) uma preposição e um determinante, respetivamente.
- (C) um determinante e um pronome, respetivamente.
- (D) um determinante e uma preposição, respetivamente.

\* 5. Na linha 12, «que» inicia uma oração subordinada

- (A) adverbial causal.
- (B) adjetiva relativa.
- (C) adverbial consecutiva.
- (D) substantiva completiva.

\* 6. Na linha 14, «de modo a» expressa uma ideia de

- (A) finalidade.
- (B) comparação.
- (C) consequência.
- (D) alternativa.

\* 7. Em «se reveja» (linha 21), o pronome encontra-se anteposto ao verbo devido à presença de

- (A) «tudo» (linha 21).
- (B) «aquilo que» (linha 21).
- (C) «sempre que» (linha 21).
- (D) «essa ação» (linha 21).

\* 8. Complete a afirmação seguinte, selecionando a opção adequada a cada espaço.

Na folha de respostas, registre apenas as letras – **a)** e **b)** – e, para cada uma delas, o número que corresponde à opção selecionada em cada um dos casos.

Em «um naufrágio é uma verdadeira cápsula do tempo» (linha 23), a expressão «uma verdadeira cápsula do tempo» desempenha a função sintática de     **a)**     e tem um sentido     **b)**    .

a)	b)
1. sujeito	1. metafórico
2. predicativo do sujeito	2. perifrástico
3. complemento direto	3. irónico

### \* GRUPO III

Observe a imagem de Agim Sulaj, intitulada *O Drama da Poluição do Plástico*.



Fonte: [www.europeanpressprize.com](http://www.europeanpressprize.com) (consultado em 14/12/2020).

Num texto bem estruturado, de 120 a 180 palavras, faça a apreciação crítica da imagem.

O seu texto deve incluir:

- a descrição do desenho humorístico, destacando os principais elementos que o compõem;
- um comentário em que refira a crítica presente na imagem e o efeito produzido no destinatário;
- uma conclusão adequada ao ponto de vista desenvolvido.

#### Observações:

1. Para efeitos de contagem, considera-se **uma palavra** qualquer sequência delimitada por espaços em branco, mesmo quando esta integre elementos ligados por hífen (ex.: /dir-se-ia/). Qualquer número conta como uma única palavra, independentemente do número de algarismos que o constituam (ex.: /2021/).
2. Relativamente ao desvio dos limites de extensão indicados – de 120 a 180 palavras –, há que atender ao seguinte:
  - um desvio dos limites de extensão indicados implica uma desvalorização parcial do texto produzido (até 2 pontos);
  - um texto com extensão inferior a 40 palavras é classificado com zero pontos.

**FIM**

## COTAÇÕES

As pontuações obtidas nas respostas a estes 11 itens da prova contribuem obrigatoriamente para a classificação final.	Grupo											Subtotal
	I		II								III	
	1.	5.	1.	2.	3.	4.	5.	6.	7.	8.		
Cotação (em pontos)	15	15	8 x 12 pontos								44	<b>170</b>
Destes 4 itens, contribuem para a classificação final da prova os 2 itens cujas respostas obtenham melhor pontuação.	Grupo I											Subtotal
	2.	3.	4.	6.								
Cotação (em pontos)	2 x 15 pontos											<b>30</b>
<b>TOTAL</b>												<b>200</b>